

SEÇÃO: LIRA UNIVERSITÁRIA – RESENHA

RESUMO

A presente resenha é fruto da leitura do texto “Entre Vacas e Gansos – escola, leitura e literatura”, de Ana Maria Machado, no qual a autora relata diversas experiências com professores e suas vivências no mundo da literatura. Ana Maria Machado se choca ao ver que ainda há professores que utilizam textos em sala de aula unicamente como pretexto para trabalhar gramática. Com perguntas instigantes, Ana Maria Machado provoca professores até mais experientes e nos faz refletir a prática do ensino de literatura nas escolas.

PALAVRAS-CHAVE: professor - leitura - escola

ABSTRACT

This review is the result of the reading the text “Entre Vacas e Gansos – escola, leitura e literatura” by Ana Maria Machado, in which the author recounts several experiences with teachers and their experiences in the world of literature. Ana Maria Machado is shocked to see that there are still teachers who use classroom texts only as a pretext for working grammar. With instigative questions, Ana Maria Machado provokes even more experienced teachers and makes us reflect the practice of literature teaching in schools.

KEY WORDS: teacher – reading - school

A LEITURA E SUA SEGUNDA CHANCE: A ESCOLA

Mariana de Paula Leite
Mestranda em Educação
Universidade Católica de Petrópolis

MACHADO, Ana Maria – Entre vacas e gansos – escola, leitura e literatura, in **Texturas (sobre leituras e escritos)**, Editora Nova Fronteira, RJ, 2001, págs. 111/125.

Ana Maria Machado nos conta em seu texto que em certa ocasião, no lançamento de um de seus livros, em uma capital latino-americana (não revelada no texto) ouviu uma pergunta vinda de um professor que a chocou: “Quantas personagens tem esse livro?”. Por que o espanto diante da pergunta? Ora, um professor que está no lançamento de um livro de uma escritora como Ana Maria Machado, que tem a oportunidade de lhe fazer uma pergunta e faz esse tipo de questionamento denuncia como este professor trata um texto: um mero “lugar” onde só se pode retirar questões técnicas como número de personagens, tipo de narrador. Pior de tudo foi que a plateia não se mostrou nem um pouco chocada com a

Mariana de Paula Leite é professora de Língua Portuguesa e Literatura na rede pública de Petrópolis. Graduiu-se em Letras, é pós-graduada em Língua Portuguesa e atualmente está no curso de Mestrado em Educação, com a pesquisa “O que representa a formação para bons diretores”.

pergunta. Vê-se que ali havia professores coniventes, então, com esse tipo de prática com o texto.

Ana Maria Machado diz que reparou que todos estavam ali esperando dela uma fórmula mágica para fazer com que as crianças leiam. Mais uma vez a escritora se choca, mas dessa vez rebate: “E vocês, o que estão lendo?”. Silêncio total. É triste conceber essa dissociação professor-leitura.

Outra experiência relatada por Ana Maria Machado é em Mato Grosso, onde encontra uma professora que, mesmo com toda dificuldade (escola pequena, de difícil acesso, sem material de apoio), consegue-se ver um exemplo. Sem livros na escola, a professora solicita a cada aluno que peça em suas casas que uma história seja contada. Este relata a história para a classe, que escreve e desenha a história contada pelo colega em um caderno meio-pauta, criando, assim, um livro de experiências de cada aluno. Fantástico trabalho de elevação de autoestima dessas crianças e riquíssimo material vivo. Diferença entre os dois professores citados? Como a autora diz: “os alunos do primeiro lêem obrigados, já os alunos da segunda professora lêem por gosto”. Como se dá essa diferença? É simples: tudo nasce a partir do exemplo dado por um adulto, tido como um referencial.

Ana Maria Machado provoca: “O que é que as crianças podem fazer para que os adultos (pais e professores) leiam mais?”. Crê-se que os alunos da professora de Mato Grosso poderiam responder sabiamente a pergunta. Tudo é exemplo. Exemplo vindo não só da escola, mas de todos os lugares possíveis.

Nossas casas são depósitos de mercadorias inúteis, frutos do consumismo exagerado. A cada dia que passa somos tentados a comprar aparelhos capazes de armazenar 10.000 músicas, sendo que talvez jamais as ouviremos. Onde estão os livros? Onde estão os instrumentos capazes de provocar a revolução? Que lugar ocupam em nossas casas? Enfeites, pesos para portas? Ana Maria Machado diz que ainda há uma solução, uma “segunda chance” (última chance?): a escola. Entretanto, se a escola renegar este papel, tudo estará perdido. E quando se fala em escola, tem-se o costume de pensar somente nos professores de Língua Portuguesa, como se eles fossem os únicos responsáveis por essa transformação. Até porque o aluno segue o exemplo daquele professor com o qual ele se identifica e nem sempre esse professor será o de Língua Portuguesa, pode ser o de Química, Física, Biologia.

Voltando ao texto de Ana Maria Machado, a escritora se queixa da atual formação docente, que não forma professores leitores. Crê-se que atualmente dá-se preferência por leituras muito técnicas, de conhecimentos de área, não abrindo o universo da literatura para aqueles que têm a obrigação de manter-se atualizados em suas leituras.

Além do exemplo, Ana Maria Machado coloca um segundo ingrediente em sua “fórmula mágica”: a curiosidade. As crianças precisam ser instigadas a ler, assim como se sentem instigadas a ver o próximo capítulo da novela.

Temos que admitir que o governo tomou algumas iniciativas de apoio à produção editorial, criou projetos para o acesso a livros infantis nas escolas, mas isso não é tudo se esses livros chegarem nas mãos de professores como aquele citado anteriormente. Recentemente a prefeitura de São Paulo selecionou e distribuiu livros com palavrões e com conteúdo não adequado para menores de 18 anos para toda a rede pública. Como um livro que tem até imagens de sexo explícito chega a uma escola? Certamente, ao selecionarem o livro, o governo só observou seu título inocente e sequer o folheou para ver, ao menos, as figuras (coisa que qualquer criança, por mais preguiçosa que fosse, faria).

Há frases cristalizadas como “Ler é bom”, “Ler é importante”, mas quem as pronuncia hoje em dia? Professores, por exemplo. Professores que não lêem. Professores que só sabem repetir esse discurso, mas que não o praticam. Como exigir, então, de uma criança o tal “hábito de leitura” se seu próprio professor não lê, não comenta em sala de aula suas leituras.

Outro fator relevante é o aumento da produção gráfica nos últimos anos. Muito se tem produzido e, infelizmente, muito lixo. Como o professor reage diante disso? Como ele seleciona o “lixo” e o “luxo”? Será que esse professor tem base para estabelecer critérios de escolha?

Ana Maria Machado encerra seu texto com uma frase de Guimarães Rosa que sintetiza as idéias aqui expostas: “Mestre não é quem sempre ensina. Mas quem, de repente, aprende.”

Mariana de Paula Leite é professora de Língua Portuguesa e Literatura na rede pública de Petrópolis. Graduiu-se em Letras, é pós-graduada em Língua Portuguesa e atualmente está no curso de Mestrado em Educação, com a pesquisa “O que representa a formação para bons diretores”.